

Maura Lopes Cançado: entre memórias e experiências (São Gonçalo do Abaeté/MG – 1929/1950)

*Maura Lopes Cançado: between memories and experiences
(São Gonçalo do Abaeté/MG – 1929/1950)*

Edivaldo Rafael de Souza

Graduando do Curso de História do UNIPAM. e-mail: edivaldorafael007@gmail.com

Roberto Carlos dos Santos

Professor Orientador (UNIPAM). e-mail: profrcsantos@unipam.edu.br

Resumo: A partir de reflexões sobre a utilização da literatura como fonte para a história, este artigo apresenta os resultados de pesquisa sobre as memórias e experiências da escritora Maura Lopes Cançado, principalmente durante o período da sua infância e adolescência. Esta pesquisa fundamenta-se na necessidade de haver um maior (re)conhecimento sobre a trajetória de vida da escritora enquanto ela morava em São Gonçalo do Abaeté, interior do estado de Minas Gerais, uma vez que, em seus livros, com frequência, ela rememora esse período. Acredita-se que este artigo tenha importância sobremaneira tanto na compreensão da vida da autora quanto no estudo sistemático de suas obras. Há no país pesquisas relacionadas aos livros da escritora em questão, embora haja certa negligência dos pesquisadores quanto a elegerem como objeto de estudo a própria autora. Nesse sentido, o presente artigo, resultado de um trabalho de iniciação científica, busca preencher tais lacunas, tratando dos primeiros 16 anos da vida de Maura Lopes Cançado.

Palavras-chave: Maura Lopes Cançado. História e ficção. Memórias. Experiências.

Abstract: Based on the use of literature as a source for history, this paper shows the results of a research on the memoirs and experiences of the writer Maura Lopes Cançado, especially during the period of her childhood and adolescence. It takes into consideration the need for more recognition of the writer's life while she lived in São Gonçalo do Abaeté, in the state of Minas Gerais, since she frequently recalls this period of life in her books. The study has considerable importance both in understanding the author's life and in the systematic study of her works. There is currently an amount of research related to the author's books; few of them, however, focus on the writer herself. In this sense, this paper, resulting of a scientific initiation project, aims to fill in this gap by focusing on the first 16 years of Maura Lopes Cançado's life.

Keywords: Maura Lopes Cançado. History and fiction. Memoirs. Experiences.

1. Introdução

Esta pesquisa recupera experiências e memórias da escritora nacionalmente reconhecida, Maura Lopes Cançado (1929/1993), principalmente no período em que viveu

no interior do estado de Minas Gerais, no município de São Gonçalo do Abaeté¹, entre os anos de 1929 até 1950. Assim, pretende-se expor com o estudo em questão como tais experiências e memórias da escritora influenciaram na sua escrita e, conseqüentemente, na sua trajetória de vida.

A pesquisa também recupera e reconstrói, ainda que precariamente, os lugares em que a autora viveu no período definido acima como recorte temporal de estudo. Começa-se pelo seu nascimento e, posteriormente, descreve-se a sua infância e a sua adolescência em São Gonçalo do Abaeté, bem como em localidades da região, até o período em que ela se mudou para a cidade de Belo Horizonte. Essa reconstituição de espaços e tempos no interior de Minas Gerais permitiu a elaboração de representações da vida nos distritos, cidades e fazendas, que pertenciam, normalmente, a grandes proprietários de terras e homens influentes na região, cujo ambiente foi palco das experiências da juventude da escritora.

Existe uma série de pesquisas acadêmicas² sobre Maura Lopes Cançado, algumas, inclusive, discorrem sobre a sua vivência; todavia, esta pesquisa apresenta como principal objeto de estudo a própria escritora em seu ambiente de infância e adolescência. Há duas obras publicadas pela autora mineira que são muito utilizadas, tanto através de citações quanto através de análises críticas em nível de mestrado e doutorado em diversas universidades brasileiras. Assim, este trabalho tem um caráter de singularidade em relação às outras pesquisas que foram identificadas como fontes documentais e referências bibliográficas.

Apresentam-se, assim, por meio da perspectiva escolhida para a pesquisa, outras possibilidades de leitura e outro olhar sobre as suas obras, bem como um aprofundamento no (re)conhecimento sobre a autora. Dessa forma, compreende-se que o período estudado é de grande importância por se tratar de uma época marcante na vida de Maura Lopes Cançado, sendo sempre lembrada em suas obras³. A escritora, que é o foco principal deste artigo, utiliza frequentemente de descrições bastante detalhadas de suas vivências em suas narrativas, principalmente no período inicial da sua vida, que foi passado na região de São Gonçalo do Abaeté. Além das narrativas decorrentes das suas experiências de vida, obviamente as suas obras contêm relatos de cunho ficcional.

O período em que a autora viveu no interior de Minas Gerais é marcado sobretudo por situações que irão repercutir na sua obra, que se apresenta bastante conflituosa e permeada por crises que a levaram ao internamento em hospitais para tratamento mental. É nesse período que Maura Lopes Cançado tem sua primeira crise epiléptica, apren-

¹ “Município (...), criado pelo decreto-lei nº 1058, de 31 de dezembro de 1943, com os distritos de São Gonçalo do Abaeté, Canoeiros (ex-Canoas) e parte do distrito de Canastrão, desmembrados do município de Tiros. O distrito de São Gonçalo do Abaeté fora criado pela lei nº 843, de 7 de setembro de 1923. (...)” (BARBOSA, 1995, p. 314).

² Ver Corrêa (2013); Custódio (2014); Batista (2010); Souza (2014); e Scaramella (2010), dentre outras.

³ No conto “São Gonçalo do Abaeté”, a escritora descreve como era a vida dos moradores e como eram recebidas por eles as novidades que surgiam com a emancipação do distrito. Nesse período ocorre a fundação da prefeitura e da câmara dos vereadores, bem como a contratação de um maestro para formar uma bandinha de música. Além disso, bares são abertos, um campo de aviação é criado e algumas estradas rodoviárias são construídas.

de a pilotar aviões, casa-se na Igreja Católica, tem um filho, separa-se do marido e perde o pai, que tanto amava. No ano de 1943, o distrito de São Gonçalo do Abaeté transforma-se em cidade, emancipa-se de Tiros - MG. Com isso, durante esse período, a escritora vai adquirindo diversas experiências. A intensidade desses momentos vividos sempre esteve presente na sua memória e também na sua escrita, e é justamente na intensidade desses momentos vividos que se baseia esta pesquisa, que tem importância sobremaneira para a recuperação de fragmentos da história e da memória, no âmbito local e regional.

2. História e ficção: aproximações e distanciamentos

Quando a escrita de Maura Lopes Cançado é analisada com um olhar mais aguçado, é possível deparar-se com elementos que trazem uma dualidade entre história e ficção num processo de relação dialógica. Diante de tal constatação, há que se fazer um debate em torno dessa vertente historiográfica.

A partir da década de 1970, o historiador estadunidense Hayden White (1928) começou a criticar o cientificismo da história, ou seja, aqueles que defendiam a ideia de que os pesquisadores desta área das humanidades deveriam atingir o mesmo nível científico daqueles que faziam investigações no âmbito das ciências exatas. Com isso, a literatura passou a ser considerada muito útil à pesquisa histórica.

No livro *Fontes Históricas*, o historiador Jorge Grespan, descreve que “a ciência e o seu método não podiam garantir a objetividade do saber histórico” (GRESPLAN, 2014, p. 297), visto que há uma aproximação entre a história e a ficção, ou seja, uma possibilidade de diálogo e trocas. Com isso, seria impossível obter uma verdade absoluta dos fatos históricos, como pensava o historiador Leopold Von Ranke (1795-1886), um dos expoentes da Escola Histórica Alemã, já que, em toda pesquisa, um historiador tem suposições, indagações, questionamentos e interpretações sobre as diversas fontes encontradas e o tema abordado, diferentemente da neutralidade e da imparcialidade exigida pela Escola Histórica Alemã.

É necessário, no entanto, ressaltar que apesar dos pressupostos teóricos de Ranke pregarem a neutralidade na pesquisa histórica, não é possível tal situação ocorrer. Essa vertente historiográfica “não estava completamente errada quando advertia para o perigo de uma má subjetividade” (GRESPLAN, 2014, p. 299). Então, considera-se necessário a teoria e o método para que se possa realizar efetivamente um trabalho de pesquisa na área da história.

Em seus livros, *“Hospício é Deus - Diário I”* (1965) e *“O Sofredor do ver”* (1968)⁴, Maura Lopes Cançado (1929-1993) relata e descreve a sua vivência durante a sua infância e a sua adolescência. O debate atual supracitado acerca do uso da ficção nas pesquisas históricas embasa o trabalho em questão, que discorre sobre as memórias e as experiências da autora. Tal embasamento não exclui, contudo, a necessidade de utilização de uma linha historiográfica que correlaciona o fato e a fantasia, o real e o imaginário.

⁴ Os dois livros da escritora Maura Lopes Cançado tiveram uma nova edição em 2015, vindo com um perfil biográfico escrito pelo jornalista Maurício Meireles.

É interessante ressaltar também que “o cruzamento entre história e literatura possibilita uma maior flexibilidade para se pensar a história e os vários elementos constituintes de sua representação⁵” (SENA JÚNIOR, 2010, p. 4). Do mesmo modo que o historiador utiliza dessa interdisciplinaridade objetivando um maior grau de interpretação dos fatos históricos, observa-se que “a literatura vem sendo usada pelos historiadores para dar existência ao que não é ainda claramente legível em seus documentos habituais” (SALADINI, 2011, p. 379). Pode-se entender, assim, por meio do desenvolvimento do discurso histórico, a utilização de “interpretações de seja qual for a informação ou o conhecimento do passado de que o historiador dispõe” (WHITE, 1994, p. 24). Nesse sentido, pode-se considerar que nos trabalhos históricos já existe uma estrutura pré-crítica, uma orientação metodológica, que permite uma caracterização do passado com diversas formas de explicações.

No entanto, deve-se levar em consideração que a produção historiográfica não deve partir do fantasioso ou da imaginação no sentido de produzir interpretações de fenômenos sociais situados em um tempo e em um espaço definidos, mas sim partir daquilo que foi localizado durante a coleta de materiais, extraído das fontes, dos testemunhos, das “evidências das provas”. A partir daí a narrativa ficcional é considerada como uma fonte capaz de ampliar a compreensão dos fatos, considerando que a produção literária “possui um forte elo com o espaço, com o tempo e com as condições socio-culturais onde esta é construída” (SENA JÚNIOR, 2010, p. 4). Nesse sentido, “o historiador deve tomar o texto literário como uma representação social, construída a partir de uma determinada historicidade” (SANTOS, 2013, p. 3), de modo que “é necessária uma relação dialógica entre o discurso histórico e o literário” (SANTOS, 2003, p. 84).

3. A infância de Maura Lopes Cançado

A escritora Maura Lopes Cançado nasceu no dia 27 de janeiro de 1929, em São Gonçalo do Abaeté-MG. Ela vivia em uma fazenda com seus irmãos e irmãs, juntamente com seu pai José Lopes Cançado e sua mãe Afonsina Álvares da Silva. De acordo com Brandão:

O coronel José Lopes Cançado buscou sua esposa n’outra família tradicional mineira os Álvares da Silva e com ela teve os filhos: Judith, Alice, Dagmar, Clara, Nair, Selma, Maura, Helena, Waldemar (Grinho), João, Sebastião e José (Zezinho) (BRANDÃO, 1993, p. 255).

A família Lopes Cançado do lado paterno era muito conhecida no Estado de Minas Gerais, principalmente pela intensa participação na política partidária. O deputado José Maria Lopes Cançado, filiado a União Democrática Nacional (UDN), e membro da

⁵ *Representação* é definida por Chartier (1988 *apud* SANTOS, 2001) como “instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através de uma substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é.”

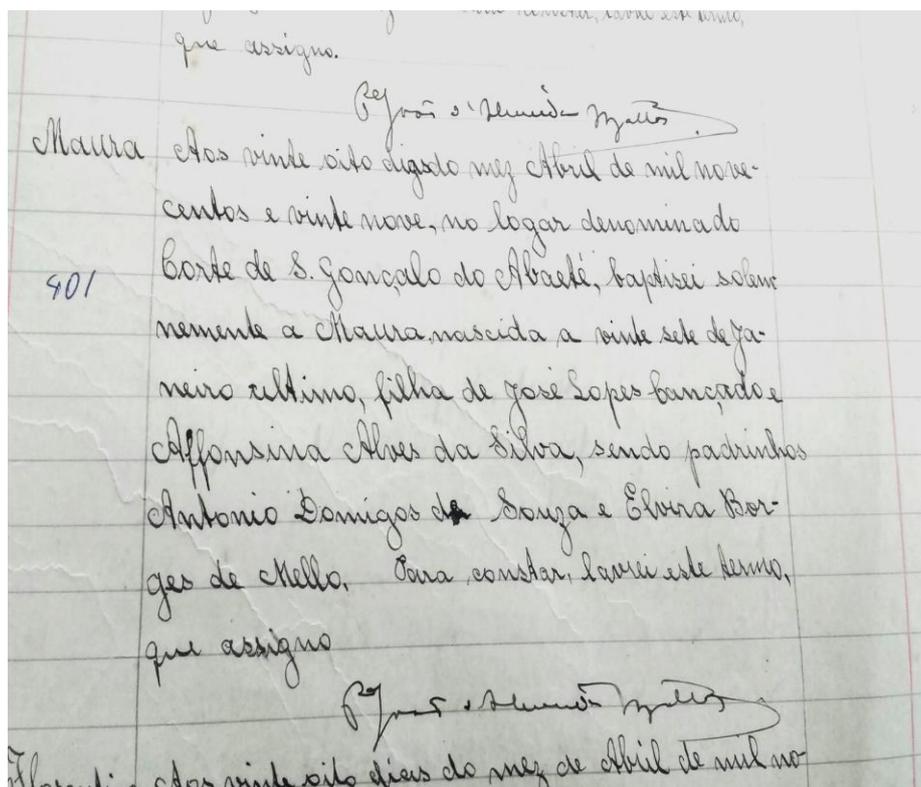
constituente de 1946, e Waldemar Lopes Caçado, irmão mais velho da escritora, que foi prefeito de São Gonçalo do Abaeté em 1948, são exemplos desse envolvimento político.

Pelo lado materno, a família Álvares da Silva também se encontrava inserida nesse tradicionalismo familiar mineiro. Segundo Horta, com descendência direta de Joaquina de Pompéu,

Joaquina Bernarda, que se tornou célebre matriarca, ficou conhecida pelo nome de Joaquina de Pompéu. De seu casamento com Inácio Oliveira Campos, (...) descendem as seguintes famílias mineiras largamente difundidas: Álvares da Silva, Cordeiro Valadares, Abreu e Silva, Souza Machado, Oliveira Campos, Castelo Branco, Melo Franco, Campos (...) (HORTA, 1986, p. 133).

A própria Maura Lopes Caçado revela em seus livros que seus pais eram muito religiosos. Por isso, praticamente três meses após seu nascimento, a escritora foi batizada na religião católica, em uma região próxima à fazenda, denominada de povoado da “Corte”⁶.

IMAGEM 1: Comprovante de Batismo de Maura Lopes Caçado



Fonte: Paróquia Imaculada Conceição, São Gonçalo do Abaeté- MG.

⁶ O Povoado da Corte pertencia ao município de Tiros-MG. Posteriormente, foi anexado a São Gonçalo do Abaeté-MG. Encontra-se, atualmente, no território de Varjão de Minas-MG.

Alguns anos depois, Maura Lopes Cançado faria também a Primeira Eucaristia. Quando recém-nascida ela ficou muito doente, por isso, sua mãe decidiu fazer uma promessa para Nossa Senhora. Segundo a escritora,

por uma promessa feita à Virgem Maria, quando estive muito doente, só me vestiram de azul e branco até sete anos. Papai jamais permitiu que me cortassem os cabelos (eu os tinha longos, soltos, selvagens). Prestaram atenção em mim exageradamente. De certa forma isso me trouxe grande solidão – por não me sentir bem uma menina (CANÇADO, 2015a, p. 12).

Devido à promessa, ela acabou não tendo muitas escolhas em relação a roupas e acessórios que ganhava de presente. Isso acabou lhe contrariando durante a sua infância. Em seus livros, Maura Lopes Cançado expõe muitas lembranças do tempo em que era criança e adolescente. Sendo que “chama-nos a atenção com igual força a sucessão de etapas na memória que é toda dividida por marcos, pontos onde a significação da vida se concentra” (BOSI, 2004, p. 415). Ela relata, no seu livro, que certa vez sua irmã Didi, ao chegar de viagem de Belo Horizonte, trouxe de presente dois chapéus um para ela e outro para sua irmã Selva. De acordo com ela, “eram dois chapéus muito bonitos. Só me restava ficar com o branco, (...). Qual era mais bonito, o branco ou o vermelho? Naturalmente o vermelho, pensei” (CANÇADO, 2015a, p. 8).

IMAGEM 2: Foto de Maura Lopes Cançado em sua *Primeira Eucaristia*



Fonte: Acervo particular da família de Maura Lopes Cançado

Pode-se notar que, desde a infância, os primeiros contatos de Maura Lopes Cançado com a religião foram conflituosos. Ao retratar a morte de seu padrinho, que tanto a amava, a escritora descreve em seu livro que sua família o enterrou rapidamente. O nome dele era Antônio Domingos de Souza, “(...) eu o chamava Pabí. Quando morreu, mamãe ficou muito apreensiva, temendo que o houvessem enterrado vivo por não estar de todo rígido, nem totalmente frio” (CANÇADO, 2015a, p. 12). O pior é que frequentemente ela sonhava com seu padrinho, e nesses episódios, ele dizia que iria vir buscá-la.

Em seu livro, *Hospício é Deus – diário I* (1965), a autora descreve que, desde pequena, sempre foi muito inteligente, porém sozinha. Um exemplo é quando revela ter aprendido a ler com cinco anos de idade: “Costumava passar horas com um livro de fadas na mão já que ninguém estava, a todo instante, disposto a ler-me histórias. Acabei lendo-as, eu mesma” (CANÇADO, 2015a, p. 15).

Durante essa época, a maioria da população da região em que ela vivia morava na zona rural. O distrito de São Gonçalo do Abaeté contava com poucas casas e moradores. E o seu território encontrava-se anexado ao município de Tiros-MG. Com isso, não existia muita diversão ao acesso da população. Qualquer coisa diferente que acontecia naquela localidade era motivo de espanto e/ou alegria. Quando passavam por ali automóveis, a população ficava efervescida com tamanha engenhosidade. A chegada desses meios de transportes àquele arraial já era uma mostra de progresso do pequeno distrito. Segundo Santos,

Há alguns símbolos do progresso que, realmente, tornam-se referências no estudo das mudanças sociais processadas sob a informação de valores considerados modernos. O imaginário coletivo altera-se. Uma carta encaminhada à *Gazeta de Patos*, nos anos trinta, oriunda de São Gonçalo do Abaeté, evidencia o fascínio diante do automóvel e de sua densidade simbólica: “[...] um caminhão vindo dessa cidade, dirigido por competente *chauffeur*, já alegra o nosso arraial com a sua busina [*sic*] roufenha” (SANTOS, 2001, p. 181).

Posteriormente, isso foi ficando mais comum, mas não necessariamente deixou de ter o seu encanto. Como relata a própria escritora.

Bonito quando faróis de automóveis ou caminhões iluminavam a estrada trazendo pessoas empoeiradas e ainda cheirando a cidade. E mesmo o rádio ligado, a todo volume, dando notícias de guerra, fazia parte da ponte de ligação entre a fazenda fantástica e a realidade clara, sem mistério, da cidade (CANÇADO, 2015a, p. 15).

Como a população encontrava-se em sua maioria na zona rural, vários fazendeiros possuíam comércios nas fazendas. José Lopes Cançado “montou uma loja para servir a população da região, que antes tinha que se deslocar para a Corte (...)” (BRANDÃO, 1993, p. 255). Foi nesse estabelecimento que a escritora diz ter sido abusada sexualmente por um empregado. A autora descreve que

na fazenda tínhamos uma loja. O rapaz, empregado da loja, sempre se recusava a nos dar balas, a mim e minhas irmãs menores. Uma tarde fui sozinha. Pedi-lhe. Disse que sim. Sentou-me no balcão e teve relação sexual comigo, nas minhas pernas. (...) sentindo-me molhada, julguei que ele houvesse feito pipi nas minhas pernas (CANÇADO, 2015a, p. 18).

O rapaz foi-se embora da fazenda, e ela não revelou nada a ninguém sobre o acontecido. Posteriormente, ela relata em seus livros que foi abusada outras vezes. Um dos motivos pelo desaparecimento do jovem pode ter sido por medo de que a criança contasse para o pai o que havia acontecido, pois o pai da escritora era conhecido na região como um temido e respeitado coronel.

No meio acadêmico existem opiniões divergentes quanto ao termo *coronelismo*, apesar de que muitos dos especialistas acerca do tema concordam que o período de auge desta prática foi durante a Primeira República. Sobre a discordância dos autores em relação às origens e o início do coronelismo, segundo Pereira:

Enquanto Leal as encontra na passagem Império-República, há autores que as identificam na Colônia e no Império. Carone, Faoro e Janotti, embora reconheçam que a política coronelista só se consolidou na Primeira República, explicam a emergência do fenômeno a partir da institucionalização do poder dos chefes locais efetuada pelas patentes da Guarda Nacional criada em 1831 (PEREIRA, 2001, p. 63).

No distrito de São Gonçalo do Abaeté, havia homens que eram bastante conhecidos por serem considerados “coronéis”, esses indivíduos agiam de forma direta nos assuntos políticos, econômicos, religiosos e sociais da localidade. Dentre eles, está o pai de Maura Lopes Cançado, o afamado coronel José Lopes Cançado (Zeca Lopes), dono de uma grande propriedade de terra, e de bastante poder aquisitivo. Era conhecido também por causa da criação de gado e da fabricação de cachaça em seu alambique. Ele morava há poucos quilômetros do arraial. Dotado de grande prestígio, contava com homens que o protegiam e ofereciam apoio, caso necessitasse, o que acabava sendo considerado comum naquela época. De acordo com Maura Lopes Cançado, seu pai “vivia cercado por homens que matavam, junto aos quais cresci (...)” (CANÇADO, 2015a, p. 9).

Nesse período, muitos desses homens andavam armados e possuíam guarda pessoal. O coronel “possuía uma polícia própria, denominados seus membros, segundo a região, de capangas, jagunços, ‘gente do coronel’, camaradas ou cabras...” (JANOTTI, 1985, p. 60). Esses homens estavam sempre envolvidos em discussões e desentendimentos. Entretanto, havia também certa troca de favores entre eles, pois a sociedade rural estava “solidamente enraizada na proteção e na lealdade (...). O coronel oferecia proteção e exigia irrestrita adesão” (JANOTTI, 1985, p. 57).

Além de ser muito respeitado em toda região, José Lopes Cançado tinha um comportamento agressivo com seus desafetos. A própria escritora relata: “uma vez vi papai bater num homem. Eu era bem pequena. O homem apanhava sem reagir, seu rosto sangrava” (CANÇADO, 2015a, p. 10-11). Algumas vezes o dinheiro não era o principal motivo para que um homem pudesse ser considerado coronel, porque “ocorre que o coronel não

manda porque tem riqueza, mas manda porque se lhe reconhece esse poder, num pacto não escrito” (FAORO, 2001, p. 737). Na monografia de Borges, intitulada de *João de Almeida Mattos: um coronel de batina* (2005), ele descreve que no distrito de São Gonçalo do Abaeté havia um padre coronel. O nome dele era João de Almeida Mattos. No livro *60 anos de batina* (1964), o próprio religioso relata como era a vida no lugarejo. Segundo Mattos,

(...) São Gonçalo era refúgio, esconderijo dos criminosos dos municípios vizinhos e distantes. Transferida a minha residência, todos que por ali passavam ou tinham notícia da minha nova residência, admiravam-se da minha disposição e coragem. Realmente, além de ficar afastado de outros colegas, tinha-se que conviver com um sem número de assassinos, criminosos e malfeitores. Nenhum receio tinha eu (...) (MATTOS, 1964, p. 37).

Deve-se levar em consideração a escrita do padre, que sempre enaltece a sua coragem e bravura. E faz autoelogios quanto à sua pessoa. No entanto, nesses lugares longínquos acabava sendo comum a presença de fugitivos da justiça, pois não existia nenhum tipo de policiamento nem de fiscalização, porque encontrava-se com lonjura em relação a grandes cidades. A escritora Maura Lopes Cançado descreve que em sua casa isso era um fato corriqueiro, por causa das “amizades” de seu pai. De acordo com ela, “sempre, por longos períodos, tínhamos hóspedes, refugiados da justiça, homens ricos (...)” (CANÇADO, 2015a, p. 10).

4. Maura Lopes Cançado decide voar

Durante a adolescência, a escritora chegou a estudar em um colégio na capital mineira, entretanto, retornou rapidamente para a sua terra natal. Algumas de suas irmãs mais velhas já moravam há muitos anos em Belo Horizonte. Sobre o período em que estudou no colégio, a autora descreve:

no colégio Sacre-Coeur de Marie passei a envergonhar-me da minha família. Algumas de minhas colegas tinham parentes elegantes, bem vestidos, que as visitavam. Outras não. Minha família, apesar de mais rica do que a maioria daquelas, morava no interior, apresentava-se com simplicidade (CANÇADO, 2015a, p. 20).

Nessa época, os fazendeiros da região não utilizavam seu dinheiro para ostentar riquezas. O pai de Maura Lopes Cançado foi um dos primeiros a trazer algumas novidades para a região, como a luz elétrica, símbolo da modernidade frente à tradição. Porém, em relação às pessoas que viviam na capital, existia certo atraso, principalmente no modo de vestir-se e comportar-se.

Em relação à questão mental da escritora, sabe-se que ela sofria com frequentes crises epiléticas. Porém, ela relata que na adolescência acabou ficando inconsciente pela primeira vez:

(...) aos quatorze anos, estava acordada, tive uma crise e foi horrível. Creio ter ficado inconsciente mais de nove horas, depois do que me veio certa amnésia que durou um dia. Outra crise se repetiu em condição análoga, logo após meu casamento, durante a gravidez, e a última, aos quinze anos, depois da morte de papai. Não se repetiram até hoje. Tenho tido constantemente crises equivalentes. As auras epilépticas me são quase que cotidianamente familiares (CANÇADO, 2015a, p. 19).

Em decorrência dessas crises, é possível que o indivíduo acometido de tal fase passe a agir de forma simultânea entre a razão e a irracionalidade. Posto isso, ocorre uma dualidade de sentidos, “constituindo seja uma de suas forças secretas, seja um dos momentos de manifestação, seja uma forma paradoxal na qual pode tomar consciência de si mesma” (FOUCAULT, 1978, p. 39). Apesar disso, a adolescente Maura Lopes Cançado mudou-se para a cidade de Bom Despacho. “Aos quatorze anos quis ser aviadora, entrei para um aeroclube, pretendendo obter *brevet*⁷ de piloto. Não consegui *brevet*, casei-me com um aviador, jovem de dezoito anos” (CANÇADO, 2015a, p. 20). O jovem aviador era Jair de Almeida Praxedes, filho de um conhecido coronel da cidade, José Antônio Praxedes. Vale ressaltar que os Praxedes e os Lopes Cançado eram muito próximos.

Quando se analisa a certidão de casamento do casal, é possível verificar alguns detalhes da cerimônia. Os padrinhos de casamento foram Valdir Melgaço e também Ítalo Consoli, que era o instrutor de aviação do casal. O casamento ocorreu no dia 10 de maio de 1944 na Capela de Santa Efigênia em Bom Despacho - MG. Concretizado o casamento, depois de alguns meses, a escritora engravidou e teve seu único filho, Cesarion Cançado Praxedes (1945-2003).

O jornalista e escritor Pedro Rogério Moreira morava em Bom Despacho durante esse período, e acabou escrevendo um romance sobre uma bela aviadora que via sobrevoar os céus daquela cidade. Posteriormente, já quando adulto, é que ele descobriu que se tratava de Maura Lopes Cançado. Em seu livro *Uma bela noite para voar* (2006), ele descreve um pouco sobre o que via no campo de aviação da cidade.

Além da curiosidade sobre os teco-tecos que ali pousavam de vez em quando, havia naquele lugar uma atração mágica. O descampado, outrora, fora o palco onde se exibira uma aviadora sensacional, a quem o Pedrim deu o nome de Princesa. Ah, a Princesa! O menino a amava, sem jamais tê-la conhecido. Ele forjou a figura de sua musa usando a beleza, a audácia e a rebeldia intelectual de uma antiga moça da cidade, a futura escritora Maura Lopes Cançado (1934-1996) [sic], que já pilotava um Aeronca Champion aos 16 anos de idade, prenúncio audaz de sua vida breve e dramática (MOREIRA, 2006, p. 10).

No romance do autor Pedro Rogério Moreira, a personagem intitulada de Mike Lima Charlie, tinha um relacionamento bem próximo com o presidente Juscelino Ku-

⁷ Nos livros a escritora escreve *brevet* ao invés de brevê. Brevê: Título que atesta a capacidade de um indivíduo pilotar aviões. Fonte: Dicionário online de português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/breve-2/>. Acesso em: 4 fev. 2017.

bistchek. Posteriormente, o livro recebeu uma adaptação para o cinema, sendo produzido pelo diretor Zelito Viana. É a vida de Maura Lopes Cançado se entrelaçando com a ficção, pois, provavelmente, ela não chegou a conhecer o presidente Juscelino Kubitschek.

A jovem aviadora acabou ganhando um avião paulistinha CAP-4A⁸, de prefixo PP-RXK, de presente da família, e batizou-o de Cesarion. Através desse meio de transporte, ela sobrevoava toda região. Depois de retornar à sua terra natal, a escritora separou-se de seu marido, sendo que, aos dezesseis anos, retornou a outro aeroclube onde, segundo ela, sentia-se excluída pelo grupo de aviadores.

Entre meus colegas do aeroclube sentia-me bem. Portava-me como um rapazinho, falando de aviação, aparentemente integrada. Ainda assim aquela insegurança. Como única moça da turma, e única a possuir um avião, devia sentir-me muito vaidosa, ainda mais que estava muito bonita: de macacão branco e bonezinho de lado. Entanto [*sic*] não era o que acontecia. Sabia que minhas atitudes de aviadora, consideradas ‘livres’, agrediam a falsa moral (que naquele tempo eu não ousava chamar de falsa) (CANÇADO, 2015a, p. 23).

Uma das principais hipóteses do fato de haver certa resistência a Maura Lopes Cançado pode ser o fato de a sociedade querer, na época, a participação da mulher apenas em assuntos relacionados à casa e à família, ou seja, ao ambiente privado. De maneira que, uma jovem, mãe de um filho e separada do marido, causava desconforto aos seus colegas de aeroclube, haja vista que, no entendimento deles, somente homens poderiam estar naquele local, o que os fazia agir assim, com certa empáfia em relação à escritora. De acordo com Goffman:

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem nelas encontradas (GOFFMAN, 1988, p. 12).

A autora também relata que sofreu crises durante alguns voos, além disso, de acordo com ela, “ao voar sozinha, muitas vezes, fui acometida de pânico. Tinha medo de voar, confesso, embora na época não admitisse” (CANÇADO, 2015a, p. 24). Entretanto, o desafio de comandar um avião pelos ares parecia ser maior do que o medo que ela sofria. Pode ser que a jovem tentasse obter uma resistência em relação à morte, posto

⁸ “Em 02 de abril de 1943, (...) o *Paulistinha* começou a sair das linhas de montagem da CAP. Apenas 20 exemplares foram construídos da primeira versão do CAP-4, dando lugar a outras três versões: CAP-4A, CAP-4B, CAP-4C. (...) era uma aeronave robusta e com boas qualidades de vôo, de fácil manejo, muita durabilidade e baixo custo de produção e de manutenção”. Fonte: Centro Histórico Embraer. Disponível em: <<http://www.centrohistoricoembraer.com.br>>. Acesso em: 4 fev. 2017.

que colocava em xeque a sua própria vida, na tentativa de se sentir mais corajosa e audaciosa. O fato de nunca demonstrar fraqueza enquanto estava obtendo as aulas no aeroclube poderia ser uma estratégia de demonstrar firmeza e de ser considerada forte pelos colegas aviadores. Como relata a própria escritora:

E minha insistência em voar não teria sido um desafio à epilepsia, ou a morte? O avião não pareceu jamais obedecer a meu comando, (...). Era, quase sempre, uma carreira ao lado da morte. Suportava calada, nunca confessei nenhum dos meus receios a meu instrutor ou a algum colega (CANÇADO, 2015a, p. 24).

Aos quinze anos de idade ela estava disposta a voltar para São Gonçalo do Abaeté. No entanto, havia muitas mudanças naquele lugarejo. Nesse sentido, a jovem enfrentou ainda mais preconceitos em relação a suas atitudes.

5. O retorno a São Gonçalo do Abaeté-MG

Quando decidiu voltar a morar com a família em sua terra natal, Maura Lopes Cançado não imaginava o quanto seria difícil o seu retorno. Sua situação era completamente diferente das outras moças da localidade. E, para piorar, poucos meses após a jovem retornar para casa de seus pais, o seu pai José Lopes Cançado faleceu, aos sessenta e sete anos de idade.⁹

Aos quinze anos vi-me com o casamento desfeito, um filho e sem papai, sustentáculo de todos os meus erros – meu grande e único amor. Restava-me mamãe: para sofrer com minha insatisfação, meus ideais irrealizáveis, minha busca do ‘não sei o que é, mas é maravilhoso’, minha vaidade e meu tédio pelo que me estava às mãos (CANÇADO, 2015a, p. 22).

O ano era 1943 e o distrito de São Gonçalo do Abaeté passava a ser chamado de cidade: acontecia a sua emancipação político-administrativa. Segundo Brandão,

(...) era governador do estado de Minas Gerais o Dr. Benedito Valadares Ribeiro que, atendendo aos pedidos da população, fez o seu Decreto-Lei n. 1058, de 31 de dezembro de 1943, criando o município de São Gonçalo do Abaeté, (...) (BRANDÃO, 1993, p. 112).

A escritora, no conto intitulado “São Gonçalo do Abaeté” (1965), descreve esse período de transição. “De distrito São Gonçalo surpreendeu, conquistando o direito precoce de ser chamada cidade” (CANÇADO, 2015b, p. 71). O primeiro prefeito nomeado foi

⁹ Antes de falecer, José Lopes Cançado fundou a *União Democrática Nacional (UDN)* em São Gonçalo do Abaeté. O pai da autora também era o presidente do partido político na localidade. Posteriormente, o seu filho Waldemar Lopes Cançado assumiu o posto.

Messias Mattos Júnior, fazendeiro da região e irmão do Padre João de Almeida Mattos. A vida parecia seguir outros rumos, a população indagava sobre o futuro, que estava prestes a transformar-se, eram muitas novidades para aquele arraial, que naquele momento se transformava em cidade. Foi criado, a esse tempo, o cartório civil, no qual, posteriormente, a escritora registrou o seu filho Cesarion Cançado Praxedes.

Em uma passagem de suas lembranças, a escritora descreve “São Gonçalo do Abaeté, nascida Imaculada” (CANÇADO, 2015b, p. 67). A ligação entre a cidade e a santa deve-se ao fato de que Imaculada Conceição foi escolhida para ser a padroeira da cidade, bem como São Gonçalo tornou-se o santo protetor. O nome escolhido para o lugarejo vem da fé e religiosidade de seu povo, e também do importante rio que banha todo o município, o Rio Abaeté. Na cidade formou-se uma banda de música chamada Santa Cecília, que alegrava as tardes da sociedade São Gonçalense. Nas noites, de acordo com a escritora, “em círculo mulheres casadas conversavam. Noutra roda, maridos falavam seriamente de boiadas (...). Eram assim no começo as noites de São Gonçalo” (CANÇADO, 2015a, p. 68). A situação de Maura Lopes Cançado não era nada fácil. Com o seu retorno havia sérias questões sociais a serem encaradas. A exclusão ou até mesmo abjeção à escritora pelo fato desta ser mãe solteira estavam apenas no começo, de acordo com ela:

Desfeito o casamento, que só se realizou na Igreja, por minha pouca idade, julguei possível recomeçar minha vida como se nada houvesse acontecido. Morávamos numa cidade próxima à fazenda, São Gonçalo do Abaeté. Diziam-me a moça mais bonita e prendada da cidade. Lamentavam que me tivesse já casado. Aquilo me irritava deveras. Lera muito sobre os costumes de outras terras, julgava-me na situação de uma divorciada (ou menos comprometida). Por que privar-me das diversões comuns às moças da minha idade? Mas as pessoas pensavam diferente [sic] (CANÇADO, 2015a, p. 22).

É claro que, ao utilizar da escrita de Maura Lopes Cançado, somos acometidos de intensa incerteza, em relação ao verdadeiro e ao falso, e o caráter ficcional confunde-se com os fatos que, por ventura, tenham realmente ocorrido. Então, nesse sentido, é necessário analisar com cuidado os fragmentos da escrita autobiográfica da autora. Não obstante, isso não impede que haja um debate entre o comportamento da sociedade brasileira durante aquele período. Segundo a escritora havia certa discriminação em relação a ela.

Mulheres me olhavam pensativas: ‘tão nova já com este drama’. Que drama? Me perguntava irritada. Os homens se aproximavam violentos, certos de que eu devia ceder: ‘por que não, se já foi casada?’. Moças de ‘boas’ famílias me evitavam. Mulheres casadas me acusavam de lhe estar tentando roubar os maridos. Os tais maridos tentavam roubar-me de mim mesma: avançavam. Eu tinha medo (CANÇADO, 2015a, p. 23).

O comportamento social das pessoas gerava dor na escritora, pois ela desviava-se de todas as imposições de uma sociedade extremamente rígida em torno dos costumes familiares e sociais. Como observa Sêrro,

Maura transgrediu o padrão de uma sociedade extremamente tradicional – em relação à ética, à moral, e aos hábitos instituídos como normas do bem-viver – e atraiu para si um olhar coletivo carregado de desconfiança e até mesmo taxativo de uma desrazão ou demência (SÊRRO, 2006, p. 21).

Apesar de não ter muito contato com jovens de sua idade, a criança adorava a escritora. Ela mesma criou uma forma de interagir com elas, utilizando de sua imaginação e criatividade. De acordo com sua sobrinha Marlene Lopes Cançado¹⁰:

Ela [Maura Lopes Cançado] inventava uns teatros, aí ensaiava as peças que ela mesma escrevia, e ela arranjou um cômodo comprido e mandou arrumar umas tábuas para servir de banco e fez o palco. (...) ela pegava a menina e levava para lá para ensaiar. (...) (informação verbal).

Ainda segundo Marlene Lopes, Maura utilizava o seu avião não apenas para viagens, mas também para sua diversão. Com apenas quinze anos de idade ela pilotava o pequeno avião a baixas alturas, sobrevoando a fazenda de sua família. Como recorda sua sobrinha,

(...) a gente então entrava no avião com ela (Maura Lopes Cançado) como se fosse a coisa mais segura do mundo e ela dava voltas com a gente, levava para passar em cima da fazenda do meu avô e a gente ficava jogando bilhete amarrado numa pedra para cair, tão baixo que passava o avião, que ela (risos) não tinha medo e muito menos a gente que era criança (Informação verbal).¹¹

Quando se analisa a vida da escritora durante esse período, pode-se perceber que ela se comportava de um modo espontâneo; apesar das diversas dificuldades enfrentadas durante aquela época, ela tentava usufruir de todos os momentos e de todas as experiências que cabem a uma adolescente. Uma das recordações vividas por uma de suas sobrinhas ilustra bem isso: de acordo com ela, a escritora sempre a levava juntamente com alguns primos para suas “aventuras” pela cidade, incluindo um passeio à casa de Dona Ambrósia, uma vizinha da família que tinha distúrbios mentais. Toda vez, na saída da visita, Maura Lopes Cançado repetia a mesma cena: ela

falava naquela voz doce dela, Dona Ambrósia¹² seus gatinhos estão tuberculosos? E aí a dona Ambrósia já estava prevenida, era pedra em cima de pedra, tinha que correr todo

¹⁰ Entrevista concedida por Marlene Lopes Cançado, em Patos de Minas-MG, no dia 27 de outubro de 2016.

¹¹ *Ibidem*.

¹² Dona Ambrósia é citada por Maura Lopes Cançado em seu conto intitulado de “São Gonçalo do Abaeté”.

mundo. Mas depois ela voltava e a Dona Ambrósia não lembrava mais daquilo e já recebia ela bem do mesmo jeito. Mas sempre acontecia a mesma coisa (Informação verbal).¹³

Depois de pouco tempo que a escritora havia retornado à terra natal, ela resolveu ir embora para Belo Horizonte, principalmente na tentativa de voltar aos estudos. Porém, mesmo morando na capital, de vez em quando ela visitava o filho na fazenda de sua família. Certa vez, no aniversário de Cesarion, “[...] ela veio de Belo Horizonte de avião e trouxe a festa toda prontinha no avião. Dentro do avião tinha de tudo, bombom, aquelas coisas mais gostosas do mundo (risos)” (Informação verbal).¹⁴

IMAGEM 3: Foto de Cesarion, filho da escritora, sentado na cadeira



Fonte: Acervo particular da família de Maura Lopes Cançado.

¹³ Ibidem

¹⁴ Ibidem

6. Considerações finais

O surgimento de Maura Lopes Caçado como escritora deu-se a partir da publicação do seu primeiro conto no Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, intitulado “No quadrado de Joana” (1958), no qual a personagem principal era uma jovem que sofria de esquizofrenia catatônica. A sua escrita foi elogiada por muitas personalidades do meio literário, entre elas, Clarice Lispector (1920–1977). A partir daí ela passou a conviver com muitos escritores renomados, tais como Carlos Heitor Cony (1926-), Ferreira Gullar (1930–2016), Maria Alice Barroso (1926-2012), Reynaldo Jardim (1926-2011), dentre outros.

Por meio do desenvolvimento deste artigo, foi possível verificar importantes fatores da infância e adolescência que contribuíram para a construção da escrita e também da vida adulta da escritora Maura Lopes Caçado. Podem ser destacadas as primeiras experiências com a religião durante a sua infância, experiências estas que acabaram por privar a autora de certas escolhas e decisões, o que pode ter afetado o seu comportamento em relação à própria religião durante a sua maioridade.

Na adolescência é verificada a audácia de uma jovem de apenas quinze anos que, ainda que acometida de problemas mentais, se matricula em um aeroclube para aprender a pilotar. Quando retornou à casa de seus pais, ela estava disposta a voltar a viver a vida que levava antes de partir, no entanto, os acontecimentos recentes em sua vida e também em sua terra natal não a deixaram seguir com o que planejava. Ao invés disso, os comportamentos por parte dos conterrâneos não condiziam com aquilo que ela esperava. Dessa forma, era necessário almejar voos mais altos. A sua busca pelo “não sei o que é, mas é maravilhoso” estava apenas no começo, assim, ela decolou rumo a Belo Horizonte para viver uma audaz e intensa vida.

Esta pesquisa procurou dar importância e recuperar elementos da memória e da história regional no âmbito da cultura e de forma interdisciplinar, já que foi executada uma pesquisa não só sobre a vida da escritora Maura Lopes Caçado, mas também sobre a região na qual ela nasceu e cresceu, atingindo a fase adulta. Indubitavelmente, o principal desafio deste artigo foi trabalhar de forma dialógica a relação entre a história e a literatura. Sabe-se que estas áreas das humanidades estão em constantes aproximações e distanciamentos, entre o fato e a fantasia, o real e o imaginário. Nesse sentido, o resultado final atendeu perfeitamente às expectativas do projeto, visto que foi possível realizar um estudo sobre memórias e experiências durante a infância e a adolescência da escritora Maura Lopes Caçado em um momento em que a autora está em bastante evidência nos meios intelectuais brasileiros.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Waldemar Almeida. *Dicionário histórico geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995, vol. 181.

BATISTA, Daniele Aparecida. *Loucura: a temática que constrói o discurso da obra Hospício é Deus*, de Maura Lopes Caçado. 2010. 107 p. Dissertação de Mestrado em Letras,

Universidade Estadual Paulista (UNESP-Assis), Assis-SP, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/94082>>. Acesso em: 17 jan. 2016.

BORGES, Fernando Antônio. *João de Almeida Mattos: um coronel de batina*. 2005. 29 p. Monografia de Graduação em História, Centro Universitário de Patos de Minas (UNI-PAM), Patos de Minas – MG, 2005.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BRANDÃO, José da Silva Brandão. *São Gonçalo do Abaeté e sua gente*. Belo Horizonte: AMG, 1993.

CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus: Diário I*. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015a.

_____. *O sofredor do ver*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015b.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

SANTOS, R. C. *Os sobreviventes do Holocausto: cinema e memória – Mnemosyne chora*. *Revista Alpha*, Patos de Minas, 2(1):122-139, nov. 2001.

CORRÊA, Louise Bastos. *A consciência no abismo: uma leitura da obra de Maura Lopes Cançado*. 2013. 130 p. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro – RJ, 2013. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/posverna/mestrado/CorreaLB.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2016.

CUSTÓDIO, Márcia Moreira. *Literatura e loucura: a carnalidade da loucura de Maura Lopes Cançado em Hospício é Deus*. Jan 2014. 111 p. Dissertação de Mestrado em Letras, Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Montes Claros-MG, 2014. Disponível em: <http://www.cch.unimontes.br/ppgl/admin/arquivos_upload/banco_dissertacoes/101.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2016.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 2001.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva. 1978.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

GRESPLAN, Jorge. *Considerações sobre o método*, in: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

HORTA, Cid Rebelo. Famílias Governamentais de Minas Gerais, in: *Análise e conjuntura*. Belo Horizonte, 1986, ano I, nº 2, maio/agosto, p. 111-142.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *O coronelismo: uma política de compromissos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MATTOS, João de Almeida. *60 anos de batina: sacerdote e cidadão*. São Gonçalo do Abaeté: [s. n.], 1964.

MOREIRA, Pedro Rogério. *Bela noite para voar: um folhetim estrelado por JK*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

PEREIRA, Laurindo Mékie. *Dependência, favores e compromissos: relações Sociais e Políticas em Montes Claros nos anos 40 e 50*. 2001. 179 p. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia – MG, 2001.

SALADINI, Fernando de Oliveira. História, verdade, ficção, narrativa e literatura: diálogos pertinentes, in: *Anais do VIII Seminário de Iniciação Científica Só Letras-Estudos Linguísticos e Literários*. 2011. Jacarezinho - PR, 2011, p. 377-384. Disponível em: <<http://www.uenp.edu.br/trabalhos/cj/anais/soLetras2011/Fernanda%20de%20Oliveira%20Saladini.pdf>> Acesso em: 20 jun. 2016.

SANTOS, Roberto Carlos dos. *Urbanização, moral e bons costumes: vertigens da modernidade em Patos de Minas (1900-1960)*. 2001. 221 p. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia- MG, 2001.

_____. *Entre a história e a ficção: diálogos, fronteiras, identidades*. *Revista Alpha*, 4(4):76-94, nov. 2003.

SANTOS, Regma Maria dos. Usos da crônica no ensino de história: tempo e paisagem em Rachel de Queiroz, in: *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História (ANPUH)*, Natal – RN. 22-26 Jul, 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/recursos/anais/27/1364423960_ARQUIVO_USOSDACRONICANOENSINODEHISTORIA.pdf> Acesso em: 10 jan. 2017.

SCARAMELLA, Maria Luisa. *Narrativas e sobreposições: notas sobre Maura Lopes Cançado*. 2010. 236 p. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas – SP, 2010. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000479398>>. Acesso em: 17 jan. 2016.

SENA JUNIOR, Gilberto Ferreira. *Realidade versus ficção: a literatura como fonte para escrita da história*, in: *VI Simpósio Nacional Estado e poder: cultura*, 2010, São Cristóvão. *Anais VI Simpósio Nacional Estado e poder: cultura*, 2010. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/GT13/GT13-GILBERTO.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

SÊRRO, Raquel Brandão do. *Maura Lopes Caçado: lúcida, lírica e louca*. 2006. 44 p. Monografia de Graduação em Letras, Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM), Patos de Minas-MG, 2006.

SOUZA, Vânia Romão de. *Maura louca? Não, 'Caçada': os desatinos existenciais de uma 'hipermulher' nas décadas de 1940/1950*. 2014. 182 p. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília (UnB), Brasília – DF, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17501/3/2014_VaniaRomaodeSouza.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2016.

WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da história. *Revista Estudos Históricas*. Rio de Janeiro: CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, 1994, p. 21-48.

_____. *Meta-História: a imaginação histórica do século XIX*. Trad. José Laurênio de Melo. São Paulo: Edusp, 1995.

Fontes orais¹⁵

Marlene Lopes Caçado. ENTREVISTA. Patos de Minas-MG, 27 out. 2016. (39min.)

Web-gráficas

Centro Histórico Embraer. Disponível em: <<http://www.centrohistoricoembraer.com.br>>. Acesso em: 4 fev. 2017.

Dicionário Online de Português - Dicio. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/breve-2/>>. Acesso em: 4 fev. 2017.

¹⁵ Entrevista concedida a Edivaldo Rafael de Souza.